

Editorial

1999... 2009. Dez anos se passaram desde que a primeira Pensando Famílias foi editada. Muitos fatos aconteceram desde então. Aos poucos, a revista foi conquistando um espaço relevante entre os profissionais da área, expandindo-se pelo território brasileiro, e assim, mostrando a vontade dos colegas em conhecer o que se faz em Terapia de Família. Durante esses anos, ela conquistou indexação nacional e internacional, o que a qualifica cientificamente. Atualmente a Pensando Famílias também recebeu a indexação na LILACS – Literatura Latinoamericana em Ciências da Saúde (Bireme/OPAS).

Nesses dez anos tivemos a companhia de vários colegas que contribuíram de forma significativa para a existência da Pensando Famílias. Sem eles a revista não aconteceria. Agradecemos aos membros da Comissão Editorial, aos membros do Conselho Editorial e Científico Nacional e Internacional, aos Consultores *ad hoc*, que, próximos ou distantes, dedicaram horas de trabalho para que a Revista fosse adquirindo um perfil de seriedade, profundidade e cientificidade inquestionável. Agradecemos aos autores nacionais e internacionais, que tiveram o desprendimento de apresentar suas ideias e maneira de trabalhar, possibilitando e/ou enriquecendo discussões produtivas sobre o indivíduo e suas relações. Nossos agradecimentos estendem-se aos tradutores que colaboraram com dedicação, para que pudéssemos ter acesso aos textos de profissionais estrangeiros, ampliando as fronteiras do conhecimento.

No transcorrer desse tempo, tivemos perdas de pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento da Terapia Familiar. Foram Gianfranco Cecchin, Tom Andersen e Michael White. Em alguns números da Pensando Famílias encontram-se suas contribuições.

Em suas edições, a Pensando Famílias trouxe os mais diversos temas sobre relacionamentos, propiciando a inserção da Terapia de Família em diversas áreas do convívio humano. Dando continuidade a sua proposta, esta edição oferece uma diversidade temática, onde o ponto comum incide sobre o cuidado com as inter-relações do indivíduo nos diferentes contextos vivenciais.

Inicialmente, apresentamos um texto de J. A. Rios González onde ele nos fala de seu trabalho como Terapeuta. É interessante ver que Rios nos brinda com algo de sua história, quando também comemoramos um tempo de nossa história. Em suas reflexões, ele procura integrar sua vida no campo da Psicologia e da Psicoterapia. Escreve sobre suas experiências como docente universitário, como psicólogo da educação, como terapeuta de casal e família e como formador de terapeutas.

A seguir, temos o trabalho de C. Casula, autora italiana, que nos mostra

como ela trabalha com metáforas para reforçar a resiliência das pessoas que atende em sua prática clínica.

V. S. Nascimento aborda um assunto bastante difícil que é o incesto. Trata-se de um artigo com referencial bibliográfico que propicia discussão sobre como aspectos histórico-culturais com suas crenças e tabus influenciam interpretações e/ou análise de fatos incestuosos. O autor conclui que, mesmo havendo uma diversidade de costumes, nenhuma ação, mesmo que tenha sido gerada em nome de mitos e/ou tabus, justifica a falta de respeito à vida humana.

J. Garcia escreve sobre a sexualidade e os vários conflitos que podem ocorrer durante a aceitação da condição heterossexual, homossexual ou bissexual de um indivíduo. Aponta como uma avaliação atenta propicia a ele novas possibilidades de lidar com sua condição sexual.

I. C. Anton tece os comentários sobre o tema abordado por J. Garcia brindando-nos com suas reflexões e, dessa forma, ampliando as possibilidades de discussão sobre o mesmo.

E. B. Maldaner e Q. C. R. Vivacqua apresentam um estudo sobre o luto materno e os sentimentos nas mães que perdem seu filho no primeiro ano de vida. Comentam que a reorganização no sistema familiar torna-se uma necessidade para haver a possibilidade da elaboração do luto materno, sendo as redes sociais de apoio fundamentais para isso.

J. A. R. Baumgart e D. L. Santos expõem suas considerações sobre um tema bastante vivenciado atualmente: a síndrome do ninho vazio temporário. Trata-se de um estudo sobre pais de adolescentes que vivem no exterior por um tempo superior a seis meses, apresentando os sintomas demonstrados pelos pais durante a ausência dos filhos. Comentam sobre a diferença entre a síndrome do ninho vazio, que possui vasta bibliografia, e a síndrome do ninho vazio temporário.

F. M. Oliveira e E. F. Rasesa, através da análise do filme “O sorriso de Mona Lisa”, trazem as contribuições que o Construcionismo Social, na abordagem colaborativa, oferece para a construção de uma educação reflexiva onde a expressão das ideias em diálogos torna-se a base para estruturar um espaço de criação e transformação. Ao longo do trabalho, os autores propõem reflexões sobre novas oportunidades de atuação na Pedagogia e Psicologia Escolar.

M. I. Fischer, M. A. M. Oliveira e S. C. Utpadel relatam a experiência realizada em um escritório de advocacia por estagiárias em Psicologia Clínica. Trazem a importância do atendimento psicológico nas instâncias jurídicas auxiliando a família, uma vez que esta pode estar passando por momentos de crise.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Helena Centeno Hintz